

Introdução à vida filosófica: uma leitura foucaultiana do “exame” socrático / *Introduction to the philosophical life: a Foucauldian reading of the Socratic “examination”*

Luiz Celso Pinho*

RESUMO

O presente artigo se deterá nas passagens das aulas-conferências foucaultianas nas quais a atividade filosófica de Sócrates, mais exatamente, seu método de perguntas e respostas, aparece articulada ao projeto ético-existencial de promover a “verdadeira vida”. Adotarei como ponto de partida uma tripla hipótese. Inicialmente, essa “verdadeira vida” corresponde exatamente à “vida filosófica” apreendida na antiguidade greco-romana. Em segundo lugar, Foucault atribui a Sócrates, e ao Cinismo Antigo, as expressões fiéis dessa “vida filosófica”. Por fim, para que se possa compreender adequadamente o porquê de Sócrates ser uma das expressões possíveis dessa “vida filosófica”, faz-se necessário abordar a leitura que Foucault realiza do “exame” socrático.

PALAVRAS-CHAVE: verdadeira vida; vida filosófica; Sócrates; exame.

ABSTRACT

This article aims to investigate Foucault's classes in which Socrates' philosophical activity, more precisely, his method of questions and answers, appears linked to the ethical-existential project of promoting the “true life”. I will adopt a triple hypothesis as a starting point. Initially, this “true life” corresponds exactly to the “philosophical life” proclaimed in Greco-Roman antiquity. Secondly, Foucault attributes to Socrates, and Ancient Cynicism, the real expressions of this “philosophical life”. Finally, in order to properly understand why Socrates is one of the possible expressions of this “philosophical life”, it is necessary to address Foucault's reading of the Socratic “examination”.

KEY-WORDS: *True life; Philosophical life; Socrates; Examination.*

* Professor Associado I da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil, no Departamento de Filosofia. Líder do Laboratório de Investigações Histórico-Filosóficas Michel Foucault (LAIMFO) da UFRRJ, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. luiz.celso.pinho@gmail.com.

Introdução

Ao longo da instigante exposição de *A coragem da verdade*, Foucault estabelece um sólido elo entre o trabalho ético-filosófico de “embelezamento existencial”, que servirá de fio condutor para elucidar a formação de uma “estética da existência” na cultura grego romana (em *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*), e a noção de “verdadeira vida”. Apesar de reconhecer a relevância deste tema, chegando inclusive a prometer que o abordará futuramente, Foucault declara que se limitará a “fornecer alguns esboços e contornos” (FOUCAULT, 2009, p. 151).

As teorias filosóficas invariavelmente atribuem um papel central à verdade, o que fica evidente no esforço despendido no sentido de fundamentar ontologicamente o conhecimento a respeito das coisas e do mundo. Nas análises foucaultianas, contudo, esse interesse na verdade leva a uma dimensão ético-existencial, cujo interesse maior reside em problematizar a adoção de uma “vida radicalmente outra” (FOUCAULT, 2009, p. 228) por parte daqueles que enveredam pela trilha filosófica. Foucault estabelece uma nítida distinção (que não consiste, a rigor, numa exclusão) entre o pensamento metafísico e a concepção de que o filósofo é aquele que decide “manifestar diretamente, por sua forma visível, por sua prática constante e sua existência imediata, a possibilidade concreta e o valor evidente de uma outra vida, uma outra vida que é a vida verdadeira” (FOUCAULT, 2009, p. 170).

Esse tema da “vida outra” é abordado única e exclusivamente no curso de 1984,¹ e diz respeito à constituição de um modo de existência, e não apenas de um tipo de pensamento. Foucault não pretende definir o que significa pensar filosoficamente, mas sim mostrar que para ter acesso à verdade é imprescindível que o indivíduo se transforme na medida em que se exercite mental e fisicamente (e, para ele, pouco importa essa distinção). Daí privilegiar tanto Sócrates quanto os cínicos, a quem atribui o mérito de aplicarem os ensinamentos do ateniense de forma ainda mais precisa e rigorosa. Em ambos os casos, “a filosofia é uma preparação para a vida” (FOUCAULT, 2009, p. 219).² É nesse sentido que a prática do “exame” socrático, pode ser entendida como a base para a instauração de um modo de viver filosófico, ou seja, de uma forma de pensar, falar e agir movida pela busca da verdade.

¹ Ver principalmente as aulas de 14 e 21 de março de *A coragem da verdade*.

² Foucault insiste na tese de que “a prática da filosofia deve ser sempre mais ou menos uma espécie de exercício de vida” (FOUCAULT, 2009, p. 216).

O pacto parresiástico

A problematização foucaultiana do legado socrático ocorre nos seguintes registros: 1. A décima e última aula do curso *O governo de si e dos outros*;³ 2. A quarta das seis conferências de *A fala destemida*, realizadas na Universidade da Califórnia;⁴ 3. Trechos das terceira, quarta e quinta aulas das nove ministradas no curso *A coragem da verdade*.⁵ Geralmente, os especialistas nos diálogos platônico se detêm no termo *elenchos* para caracterizar o tipo de procedimento atribuído a Sócrates. No caso de Foucault, contudo, a ênfase recai na palavra *exetasis*, ou seja, na proposta de “submeter ao exame” o assunto em questão.⁶ Para que isso ocorra, de acordo com Foucault, é preciso que seja realizada uma “pesquisa” (*zetesis*) minuciosa que culmine numa “verificação por discussão (*elenchos*)” (FOUCAULT, 2009, p. 77).⁷

Foucault sustenta a premissa de que Sócrates propõe “uma espécie de pacto” com seus interlocutores, no qual lhes pede que respondam “sem nada dissimular, nem por interesse, nem por ornamentação retórica, nem por vergonha” (FOUCAULT, 2008, p. 337). O parresiasta, cabe ressaltar, se caracteriza por ter a obrigação de “dizer o que pensa de forma franca e sincera” (PINHO, 2018, p. 108). Mais ainda, seu discurso não apenas deve ser direto como jamais pode ocultar algo. Seria impensável que ele viesse a recorrer a quaisquer artifícios retóricos ou estilísticos que pudessem mascarar suas reais intenções. Estão lançadas, assim, as bases de um “pacto parresiástico” entre duas formas de pensar livres e autônomas, e que se dispõem, de bom grado, a manter uma discussão norteadas pela exigência de *parresia*, ou seja, que se mostre “ao mesmo tempo veraz, provocativa e transformadora” (PINHO, 2018, p. 105).

Foucault está de acordo com a leitura consagrada pela tradição de que o procedimento maiêutico realizado por Sócrates almeja não apenas determinar a veracidade do que é dito, mas também promover uma avaliação criteriosa de si mesmo e dos outros, o que resulta num processo de autoconhecimento. No entanto, acrescenta um elemento inovador ao defender que essa dinâmica discursiva retrata o que ele denomina de “jogo parresiástico” (FOUCAULT, 2001, p. 95). Para que se possa compreender seu

³ Aula de 9 de março de 1983, segunda hora.

⁴ Conferência de 14 de novembro de 1983.

⁵ Aulas de 15, 22 e 29 de fevereiro de 1984.

⁶ Foucault privilegia o vocábulo *exetasis* para se referir ao “exame” socrático nas aulas do curso *A coragem da verdade* (Cf. FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité*, p. 77).

⁷ Foucault subordina a filosofia socrática ao projeto de se “viver da melhor maneira possível” (PLATÃO *apud* FOUCAULT, *Fearless Speech*, p. 98).

entendimento do “exame” socrático, faz-se necessário, como veremos, tomar como fio condutor esse acordo regido por diretrizes parresiásticas..

Além disso, para Foucault, o cerne do debate socrático consiste em cotejar vida e pensamento: o “exame” permite determinar a verdadeira natureza da relação entre o *logos* [o discurso racional, aquilo que se pensa e fala] e o *bios* [o modo como se vive, os comportamentos adotados] por aqueles que entram em contato com [Sócrates]” (FOUCAULT, 2001, p. 97-8). Por meio dessa correlação pode-se determinar se, de fato, há “afinidade de natureza” (FOUCAULT, 2008, p. 341) entre a esfera discursiva (aquilo que se defende e acredita) e a existência concreta dos indivíduos, isto é, suas ações cotidianas. A “vida filosófica” se mostra verdadeira na medida em que expressa fielmente essa condição.

Esse entendimento se faz notar, pela primeira vez, no final da última aula de *O governo de si e dos outros*. O curso aborda a noção de *parresia*, do “uso corajoso da palavra” (PINHO, 2018, p. 105) na prática política da *polis* grega. Contudo, ao contrário do que era amplamente difundido na cultura aristocrática da época, no caso, a primazia da elite em relação aos numerosos, dos mais fortes sobre os mais fracos, Foucault assinala que a palavra socrática não era exercida com o intuito de subjugar, prevalecer, ou sequer convencer (FOUCAULT, 2008, p. 339).

Foucault explica o debate de Sócrates com seus interlocutores em função de três aspectos indissociáveis: o conhecimento, a amizade e a *parresia*: no “exame” socrático é preciso “que se diga o que se acredita ser verdade, [...] que se fale apenas por benevolência para com o outro [e que se tenha] a coragem de dizer tudo o que se pensa, apesar das regras, das leis, dos hábitos” vigentes (FOUCAULT, 2008, p. 342). O “exame” socrático não é do tipo agonístico, pois se mostra irreduzível às disputas e às rivalidades entre os diversos pontos de vista (a exemplo dos embates retóricos ou políticos). Destoa também de uma fala irônica, mesmo que seja empregada como artifício estilístico. Ele requer, ao contrário, que as partes envolvidas – o filósofo e o homem-comum – interajam com franqueza visando consolidar as bases de uma “verdadeira vida”, ou ainda, de uma “vida filosófica”.

O “exame” socrático

Encontraremos os desdobramentos das problematizações esboçadas no final de *O governo de si e dos outros* oito meses depois, na conferência *A fala destemida*, mais exatamente numa passagem intitulada “A *parresia* socrática”, e no primeiro trimestre de 1984, em *A coragem da verdade*. Em ambos os casos, Foucault volta a insistir que o

método socrático não visa persuadir o interlocutor a respeito do assunto em questão – o que é esperável de um autêntico parresiasta. Sócrates pretende realizar, na verdade, “uma apuração racional da vida das pessoas” (FOUCAULT, 2001, p. 97). Trata-se de solicitar ao interlocutor que “preste contas de si mesmo” (FOUCAULT, 2009, p. 133), que fale livre e corajosamente do que tem feito ao longo da própria existência.

Mas essa postura adotada por Sócrates, ressalta Foucault, em nada se assemelha ao que, séculos mais adiante, se tornará a *confissão* de algum erro, vício, mal comportamento, em suma, de tudo aquilo que possa ser considerado pecaminoso. Foucault alerta que “estamos inclinados a ler [o procedimento socrático] através dos óculos da nossa cultura cristã” (FOUCAULT, 2001, p. 96). Porém, Sócrates não quer que seu interlocutor revele algum ato censurável que tenha cometido no passado, até porque, diz Foucault, “nunca vemos Sócrates exigindo um exame de consciência ou uma confissão de pecados” (FOUCAULT, 2001, p. 97).

Ao solicitar que o interlocutor “dê um relato de si mesmo” (FOUCAULT, 2001, p. 97), Sócrates *conduz* o debate no sentido de averiguar tanto “a maneira como o *logos* dá forma ao estilo de vida de uma pessoa” quanto “se há uma relação harmônica entre os dois” (FOUCAULT, 2001, p. 97). Daí propor que, em termos socráticos, o “discurso [é] utilizado como uma forma de se poder “distinguir o que se faz de certo e o que se faz de errado na existência” (FOUCAULT, 2009, p. 134), ou ainda, “o que é bom do que não é bom em nossas vidas” (FOUCAULT, 2009, p. 135). Do ponto de vista foucaultiano, “esse discurso de autoavaliação deve definir a figura visível que os humanos precisam dar às suas vidas” (FOUCAULT, 2009, p. 148), pois nele reside não apenas o cerne do *exercício* filosófico praticado de forma insistente por Sócrates como também está norteado por valores estéticos.

No diálogo parresiástico não há hierarquia entre os falantes, nem sequer a intenção de invalidar o que é dito. Daí Foucault frizar que, “antes de começar a verdadeira e grande discussão, [os interlocutores] aceitam o jogo que [Sócrates] lhes oferece; são eles próprios que estabelecem [...] o princípio do exame como a regra fundamental” (FOUCAULT, 2009, p. 144). Mas o que significa exatamente ser “examinado” por Sócrates numa perspectiva foucaultiana? O “exame” começa quando o filósofo se dirige ao homem-comum e lhe diz: “não quero que você me faça grandes discursos [...] quero simplesmente que responda às minhas perguntas [...] porque é no fundo de você mesmo que você sabe a verdade” (FOUCAULT, 2009, p. 337). Para que se possa entender o objetivo dessa proposta faz-se necessários perceber que ela se estrutura em dois momentos

indissociáveis e complementares: o primeiro é o da “pesquisa” (por meio de sucessivos questionamentos, do inquérito insistente); o segundo, é o da “verificação”, na qual o que importa é averiguar o grau de consistência entre o pensar e o viver.

Primeiro momento

Ciente de que as pessoas não têm uma plena compreensão do que afirmam saber, Sócrates dá início à *exetasis* pedindo que o interlocutor defina, de modo rigoroso, determinada noção (a de coragem, por exemplo). Quando Sócrates afirma que “a ignorância é o maior dos males”, não está propriamente censurando a insuficiência intelectual ou ausência de erudição do interlocutor. Sua objeção se deve à precariedade das concepções apresentadas. O que é dito pelo interlocutor encontra-se permeado de contradições, inconsistências, ambiguidades, em suma, a fala apresentada mostra-se desprovida da devida fundamentação teórica. Sócrates provoca o interlocutor para que ele se dê conta da superficialidade de suas palavras.

Sair desse estado de ignorância, no qual se está imerso desde o nascimento, exige um esforço metodológico até então desconhecido. O interessante é que o próprio Sócrates ressalta que “nada sabe”. Isso não indica, porém, falsa modéstia, até porque seria incompatível com um discurso parresiástico. O mesmo se aplica ao argumento de que seria uma estratégia retórica com fins pedagógicos. É notório que o próprio Sócrates não está munido de certezas absolutas. Sua pretensão consiste em levar o interlocutor a refletir sobre o que ele próprio acredita e defende. As conclusões obtidas serão única e exclusivamente de autoria do interlocutor. Sócrates se autodenomina “parteiro” – o filósofo-parteiro. Com isso, não ensina uma doutrina nem sequer defende conceitos previamente estabelecidos, prefere estimular o interlocutor a adotar um discurso consistente.

A rigor, não se deve pressupor um desnível epistemológico entre Sócrates e o homem-comum. Sua provocação estimula o interlocutor a repensar as crenças e as suposições que lhe pareciam sólidas. As definições do homem-comum decorrem de simplificações, são confusas ou carecem de fundamento. O “exame” socrático acaba pondo em xeque os valores do homem-comum, a ponto de sugerir que tudo o que foi aprendido desde o nascimento deve ser deixado de lado. Não se trata propriamente de criar novos valores, mas de ser capaz de justificar com rigor e exatidão o que se considera verdadeiro.

Segundo momento

O empenho em definir uma ideia, uma noção ou um juízo não constitui a meta última a ser atingida, ou ainda, um fim em si mesmo. Trata-se apenas de uma etapa da *exetasis* socrática, apesar de ser um requisito indispensável para que o homem-comum passe a se dedicar a avaliar as condutas adotadas ao longo de sua vida. O “exame” socrático também necessita de uma “prova”, assinala Foucault. Não basta apresentar um discurso exato e definido. Essa premissa é programaticamente necessária, mas não é suficiente para que se possa atingir a “verdadeira vida” dos filósofos. O interlocutor deve demonstrar coerência entre o que pensa-diz e o que faz-vive. Por meio de uma comparação direta entre ambos os registros – verbal e existencial – é possível constatar a ocorrência (ou não) de uma “relação harmoniosa” (FOUCAULT, 2001, p. 97).

O que Sócrates “compara”, ou ainda, que tipo de contraste ele pretende estabelecer? Entre conhecimento verdadeiro e conhecimento falso? Entre quem é capaz de definir a essência das noções utilizadas e quem fala de modo superficial? Duplo não. A comparação socrática, assinala Foucault, requer uma “prova de realidade” (FOUCAULT, 2008, p. 258; FOUCAULT, 2009, p. 135).

Se, num primeiro momento, Sócrates força o interlocutor a definir com precisão o que acredita ser correto; num segundo momento, verifica se essa definição está presente na vida cotidiana do interlocutor. A “prova” consiste, pois, em verificar a forma como o indivíduo tem se conduzido em sua existência pessoal. Foucault defende que “o critério de verdade do discurso filosófico não é [...] para ser buscado numa espécie de vínculo interno entre quem pensa e a coisa que é pensada [...] mas por uma coisa chamada homologia” (FOUCAULT, 2008, p. 341). A *exetasis* socrática visa “testar o grau de concordância entre a vida de uma pessoa e seu princípio de inteligibilidade ou *logos*” (FOUCAULT, 2001, p. 97). Esse critério de avaliação encontra respaldo na própria vida de Sócrates, pois “não há a menor discrepância entre o que ele diz e o que ele faz” (FOUCAULT, 2001, p. 96).

Filosofia e vida

Sócrates precisa se certificar de que não há discrepância entre o discurso racional e o modo como se vive. Como vimos, ele não pretende refutar o que o interlocutor afirma. Ao cobrar definições rigorosas, busca justamente investigar se há coerência entre o que

se acredita e o que se faz cotidianamente. Sócrates verifica até que ponto aquilo que o interlocutor defende está, de fato, enraizado na sua existência, ou seja, sua crença deve estar em total consonância com as suas ações. Pensamento, discurso e comportamento devem se articular entre si de forma harmônica.

No jogo socrático de perguntas e respostas com seus interlocutores ambos têm algo a aprender: o homem-comum a ser capaz de delinear com clareza e exatidão, suas crenças; o filósofo, por sua vez, atualiza sua função de testar o que é dito a partir do convívio com os outros. Do ponto de vista foucaultiano, Sócrates se utiliza de uma fala-franca, a *parresia*. Coloca-se em pé de igualdade com o interlocutor, não ocupa um lugar de superioridade intelectual, não quer impor uma verdade, qualquer que seja. Sua incansável busca pela verdade serve de exemplo para o interlocutor.

A partir do “exame” socrático, Foucault propõe que a importância da atividade filosófica consiste em ensinar as pessoas a viverem dentro de parâmetros racionais. O que lhes permite tanto nortear as próprias condutas quanto promover uma reflexão permanente que leve à plena harmonia ético-existencial. Sócrates é valorizado na medida em que “o que ele diz está exatamente de acordo com o que ele pensa, e o que ele pensa está exatamente de acordo com o que ele faz” (FOUCAULT, 2001, p. 101). Diante do homem-comum, Sócrates está habilitado, pois, assinala Foucault, a avaliar “se o que ele é, é efetivamente conforme à realidade” (FOUCAULT, 2008, p. 341). Esta é a “prova de realidade” a que me referi anteriormente.

Foucault conclui a última aula do Colégio de França reconhecendo que, na prática, o discurso socrático acaba prevalecendo sobre o de seu interlocutor. No entanto, essa primazia deve ser entendida em função dos “grandes princípios concernentes ao corpo e à alma, à vida, à morte e à sobrevivência” (FOUCAULT, 2008, p. 343) que norteam o debate. A *exetasis* socrática tem uma única prioridade: “examinar” o estilo de vida, o modo de viver, a própria forma que damos à vida” (FOUCAULT, 2009, p. 134). O Sócrates foucaultiano “se exercita” para “dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível”, utilizando uma fórmula consagrada nas páginas de *O uso dos prazeres* (FOUCAULT, 1984, p. 275). Essa premissa não apenas leva Sócrates a estruturar a relação consigo e com os outros de uma perspectiva estética como também o insere numa dimensão ética.

O encontro com Sócrates é passageiro e fortuito. Mas a lição do “exame” é permanente, pois “esse princípio de teste de vida deve ser perseguido ao longo da vida”

(FOUCAULT, 2009, p. 135).⁸ Não cabe ao outro tentar se igualar a Sócrates, adotá-lo como modelo a ser imitado, copiado ou reproduzido. A função maior, e talvez a única, do discurso socrático, numa perspectiva foucaultiana, reside em transformar a existência concreta dos indivíduos. É nesse sentido que a prática constante do “exame” pode ser vista como uma espécie de introdução a uma “vida filosófica”.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité*. Cours au Collège de France: 1984. Paris: Gallimard-Seuil, 2009.

FOUCAULT, M. *Le gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France: 1983. Paris: Gallimard-Seuil, 2008.

FOUCAULT, M. *Fearless Speech*. Edited by Joseph Pearson. Los Angeles: Semiotext(e), 2001.

FOUCAULT, M. *L'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard: 1984.

PINHO, L. C. A *parresia* ética. In: BUTTURI JR, A.; SEVERO, C. G. (Orgs.). *Foucault e as linguagens*. Campinas, SP: Pontes, 2018, p. 105-125.

⁸ Foucault insiste na ideia de que “a prova socrática é algo que não se pode deixar de renovar, que se deve exercer ao longo de toda a sua vida e como um princípio de organização e de estilização de seu modo de vida” (FOUCAULT, M. *Le courage de la vérité*, p.135),